

4. José Saramago

MANUAL pp. 278 e 388

Uma leitura de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

Saramago reinventará, ou melhor, relerá a biografia de Ricardo Reis, deixada por Fernando Pessoa, a partir de um processo de apropriação da tradição, isto é, de um roubo benéfico da tradição. [...] Partirá da biografia e da poética que o próprio Fernando Pessoa legara ao seu heterónimo horaciano, para relê-la, rasurá-la, reinventá-la [...]. Livre, pois, para recriar através da ficção, universo onde tudo parece possível, Saramago dirá o seguinte a respeito do conhecido poeta estoico-epicurista dos tempos modernos, na contracapa de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*:

Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e do mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. (Fernando Pessoa. Carta de 13 de janeiro de 1935)

10 Ricardo Reis regressou a Portugal depois da morte de Fernando Pessoa.

(José Saramago)

De volta a Portugal, após dezasseis anos de exílio voluntário no Brasil, Ricardo Reis deparar-se-á com [...] um contexto sociopolítico-cultural que nunca lhe agradou, e que, por isso mesmo, o fizera, em certo sentido, morrer voluntária e metaforicamente para a nação [...]. Ricardo Reis terá, ao longo de oito meses, a oportunidade de renascer para uma nova vida, por meio de um inusitado processo de aprendizagem a que será submetido ao deambular pela Lisboa de agora, cidade que a sua memória, fragmentária e lacunar, não reconhecerá como sendo a Lisboa dos tempos de outrora. Tomada como metonímia de Portugal, essa Lisboa outra à qual chegará Ricardo Reis expor-lhe-á o conturbadíssimo e complexo panorama em que se encontra não apenas a pátria, mas, de certa forma, toda a Europa dos anos trinta, uma Europa imersa em uma das piores crises da História e que oferecerá, portanto, um cenário nada favorável a Ricardo Reis, estoico, para quem a vida consiste na ausência de perturbação, para quem o verdadeiro “Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo”. É, pois, nesse cenário caótico que Ricardo Reis terá de aprender a ler a sua terra, para nela – e parece ser esta a grande proposta do romance – poder escrever a sua própria história, como sujeito ativo, participante e pertencente a essa mesma terra. [...]

O romance não se limita apenas a um mero trabalho de reinvenção biográfica. Muito pelo contrário! Ao deslocar a figura de Ricardo Reis do plural universo pessoano, Saramago apropria-se da sua história e reinventa-a, promovendo a ficção da ficção a partir de seu próprio posicionamento ideológico. O ano estrategicamente escolhido para o regresso da personagem à sua pátria é o de 1936, tempo da ditadura salazarista em Portugal, mas não só: tempo também da Guerra Civil Espanhola, do fascismo de Mussolini e do nazismo de Hitler [...]. Será, pois, a esse novo contexto europeu que Ricardo Reis terá de tentar adequar-se, e a narrativa conceder-lhe-á [...] a oportunidade de posicionar-se como sujeito da ação diante de tal panorama. [...]

Mais do que um trabalho de reinvenção biográfica, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* é um romance no qual Saramago relê e reinventa o heterónimo pessoano ficcionalmente, na linha do seu projeto literário de revisão histórica e social. Desviado da ética finissecular de Fernando Pessoa, que pregava a ideia da inutilidade da ação diante das adversidades do mundo, Ricardo Reis será



colocado num intrincado e complexo contexto social, para atender à proposta de engajamento deste escritor ulterior, José Saramago, cujo projeto literário, desde sempre, consiste em retomar o passado para compreender o presente. [...]

Manifestando a consciência de que a função da literatura não é necessariamente imitação e de que o discurso histórico não é exatamente um discurso *da* verdade, mas sim um discurso *sobre* a verdade, Saramago releerá o passado e a biografia de algumas figuras referentes ao período histórico que se quer retomar pela palavra, a partir da ética e do olhar crítico de seu tempo, que desconfia do discurso produzido pelas elites, entendendo-o como um discurso urdido no intuito de ressaltar a ideologia dos vencedores. [...]

E porque consciente de que toda a verdade é discurso, de que todo o passado é texto e de que toda a história é interpretação, Saramago deslocará o poeta horaciano das páginas [...] de Pessoa – nesse caso a ficção da ficção –, para relê-lo de acordo com o olhar crítico do seu tempo, e de acordo com suas próprias concepções artísticas, assentes, claramente, numa proposta discursiva de intervenção social. Basta abrir o romance e ler as epígrafes que antecedem o primeiro capítulo. Nessas epígrafes, retiradas tanto da obra de Ricardo Reis, quanto da de Bernardo Soares, quanto da de Fernando Pessoa ortónimo, destaca-se sempre um mesmo campo semântico: a ideia da inutilidade da ação [...].

Tomada como metonímia da nação, Lisboa é apresentada, desde as primeiras linhas do romance, como uma cidade marcada por uma atmosfera obscura e de negatividade. Descrita a partir de sintagmas nominais como “a cidade cinzenta”, “a cidade sombria”, Lisboa não parece exercer nenhuma forma de atração aos olhos do outro, porque, como diz o próprio narrador, “Por gosto e por vontade, ninguém haveria de querer ficar neste porto”. E é Ricardo Reis quem, sem saber porquê, nem exatamente o que busca, desembarcará nessa cidade de clima inóspito, assolada por um rigoroso inverno – que nem sequer é tão típico do país – e por um céu que há dois meses “anda a desfazer-se em água”, para, de certa forma, ter suas concepções questionadas, porque ao narrador parece interessar-lhe a problematização do conceito de vida daqueles que se posicionam como meros espectadores da existência, daqueles que, como Ricardo Reis, almejam lograr “nem o remorso de ter vivido”. Ao chegar a Lisboa, Ricardo Reis que, diferentemente do grande poeta Camões, não soubera fazer de seu largo período de exílio uma viagem iniciática, isto é, um percurso de aprendizagem em que o conhecimento seria adquirido essencialmente a partir da experiência vivida – já que o seu conceito existencial se define justamente pela negação da vida –, Ricardo Reis, repetimos, não parece ter, aquando do seu retorno a Portugal, absolutamente nada a acrescentar à pátria, porque quase nada aprendera fora dela, porque nunca fora, enfim, “um destemido experimentador de aventuras”. Chegando a Lisboa tal como no momento da sua partida, isto é, clássico, horaciano e estoico-epicurista, Ricardo Reis, num regresso insípido e triste, nada monumental e completamente antiépico, [...] entrará noutra epopeia, que em nada se assemelharia com aquela dos grandes tempos de glória. Revertendo até à radicalidade o modelo camoniano, o texto de Saramago abre-se com estes vocábulos que já se tornaram célebres, “*Aqui o mar acaba e a terra principia*” (RR, p.3), frase que [...] apontaria, por um lado, para a ideia da falência do modelo imperialista e, por outro lado, para a necessidade de lançar um olhar para a terra, ou, como diria Maria Alzira Seixo, para a necessidade de *escrever a terra*.

Chegando a Portugal a bordo do Highland Brigade, Ricardo Reis encontrará um porto tomado pela marinha inglesa e por barcos de guerra, panorama oposto ao do tempo em que no Porto de Lisboa singravam as “soberbas naus”, retomando aqui o célebre verso de Cesário Verde. É, pois, nessa Lisboa torpe e de valores degradados, assolada não apenas pelas chuvas, mas também pela miséria, pela violência e pela corrupção, que desembarcará Ricardo Reis, para ser



submetido a um percurso de aprendizagem que lhe exigirá uma reflexão sobre a pátria e a de-
 85 marcação de um posicionamento político-ideológico que, afinal, ele nunca manifestara ao longo
 da vida. Difícil tarefa para um “pagão inocente da decadência”, que nada quer ter nas mãos, nem
 sequer “uma memória na alma”! Caberá, portanto, ao narrador o questionamento dessa postura
 de passividade e indiferença manifestada pela personagem em relação à existência, porque ele
 – o narrador, que, através do discurso indireto livre e do fluxo de consciência, deixa claríssimo
 90 seu engajamento –, não concorda com a postura estoico-epicurista de Ricardo Reis, não vê apli-
 cação prática dessa postura na vida nacional, não crê, enfim, na máxima do poeta, que se orgulha
 de afirmar que “Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo”. [...]

De volta a Lisboa, Ricardo Reis seguirá uma lenta e gradativa trajetória de aprendizagem, em
 que Lúdia, deslocada do contexto pastoril das odes horacianas, assumirá um papel decisivamente
 95 importante. Será com ela, uma simples criada de hotel, que o poeta, para além da experimenta-
 ção do amor, aprenderá a reler, ou melhor, a reinterpretar o discurso opressivo e alienante que,
 diariamente, lhe chega através dos diversos meios de comunicação, e do qual nem mesmo a elite
 é capaz de escapar. [...]

No final do livro, passado o tempo de oito meses em que ainda permanecera viva a memória
 100 de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, voluntariamente, não completaria o seu percurso de aprendi-
 zagem, ao juntar-se para todo o sempre ao fantasma de seu criador, acompanhando-o [...]. Finda
 a história, Ricardo Reis não consegue posicionar-se no mundo como sujeito da ação, e reafirma
 a sua postura de alheamento e de negação diante da vida, morrendo para ela, como bem aponta
 o título da obra, a qual, desde o princípio, anuncia o seu próprio fim. Contudo, ressalte-se que a
 105 desistência de Ricardo Reis em nada significa uma falha no projeto ideológico da narrativa. [...]

Se Ricardo Reis não logra completar a sua trajetória de aprendizagem, o romance, por sua
 vez, não aponta para a ideia de falência. Cumpre atentar aqui para o sintagma final da narrativa,
 que, invertendo novamente o verso camoniano, diz: “*Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera*”,
 o que apontaria não para a ideia de uma espera passiva – numa espécie de corroboração do mito
 110 sebastianista –, mas muito mais para a ideia de uma esperança futura, fincada nas sementes de
 uma revolução por vir, e por meio da qual o país, enfim, se poderia começar a levantar do chão.
 Eis aí a mensagem social e utópica que, por meio da reinvenção biográfica de um poeta da inani-
 ção, o romance quer deixar à sua terra, escrevendo a história daquilo que a pátria não tinha sido,
 mas que, certamente, um dia poderia vir a ser.

GOMES, Rafael Santana, 2011. “De utopias e biografias: a reinvenção biográfica em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*”.
Ciências Humanas e Sociais em Revista, v. 33, n.º 2, julho-dezembro de 2011 (pp. 44-56)

